



MEMÓRIAS DE GÊNERO. A CONSTRUÇÃO DE UMA ÍDISCHKEIT IMAGINÁRIA NO BRASIL

Joana D'Arc do Valle Bahia¹

Este artigo analisa a vida e a importância das ativistas de esquerda européia e nacional na reelaboração de uma identidade judaica progressista e libertária, base da formação entre os anos 10 e 20 da Associação Scholem Aleichem (ASA) e Casa do Povo ou Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), ambas instituições atualmente situadas respectivamente na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo. Muitos judeus vieram por motivação econômica, mas principalmente em decorrência das ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, a crescente ascensão do anti-semitismo e também em decorrência de suas militâncias nos partidos comunistas e no Bund². Estas instituições possuíam periódicos, fundaram suas próprias escolas, clubes e promoviam atividades (círculos de leitura e grupos teatrais) que visavam não apenas a integração às sociedades locais, mas ao aprimoramento cultural do ponto de vista do campo socialista. Os jornais e demais documentos, bem como as entrevistas feitas a estas ativistas são as fontes analisadas neste artigo. As posturas políticas, o modo como organizavam as atividades em ambas as associações, suas idéias sobre identidade e educação (formação de uma rede escolar própria) são dados considerados para a compreensão do que o grupo concebe como identidade étnica e social.

A associação Scholem Aleichem e a Casa do Povo

Associação Scholem Aleichem, instituição de cultura ídish³ é fundada em 1964 a partir da Biblioteca Scholem Aleichem instituição fundada, em 1915, por imigrantes judeus originários da

¹ Doutora em Antropologia Social Museu Nacional/PPGAS. Pesquisadora Associada ao Niem/IPPUR.

Professora Adjunta da UERJ.E-mail:joanabahia@hotmail.com

² Segundo Finzi (1987:291), em 1897 temos a fundação do Bund (Confederação Geral dos Operários Judeus de Lituânia, Polônia e Rússia), fato que expressa a notável presença judaica no nascimento do movimento socialista e da organização da classe operária russa.

³O termo ídish origina-se de Jüdisch, que quer dizer judaico em alemão. Para Guinsburg (1996), além do hebraico, o ídiche, também chamado de Taytsh, é a língua primordial que define a identidade dos judeus. Muito apropriadamente, ele a define como “uma língua errante” ou uma “língua passaporte”. O ídiche, “dialetto judeu-alemão”, predomina entre os aschkenazi da região europeia-ocidental e europeia-oriental, incluindo o “pale” (zona de residência obrigatória para os judeus russos). Os homens eram educados no hebraico – a língua dos livros sagrados - aos quais as mulheres, assim como os menos letrados, não tinham acesso. O ídiche era falado pelas mulheres e se tornou a língua popular, usada em família, a forma de comunicação com os filhos, a língua do cotidiano. A escrita do ídiche se fez com caracteres hebraicos. O autor afirma que o ídiche, mais o hebraico e o aramaico, são a base do “universo cultural construído na esfera de Aschkenaz”. Ele (o ídiche) “se torna componente estrutural desta sociedade” (Guinsburg 1996:32-33). Assim como ao lado do hebraico usou-se o aramaico e o ídiche, outras línguas foram sendo incorporadas. No ramo sefardita, o ladino teve o mesmo papel de expressão cultural escrita e oral. Cabe apenas ressaltarmos que



Europa Oriental, oriundos de uma imigração pós pogroms ocorridos durante a guerra civil nas regiões do Império Czarista.

Ativistas da esquerda europeia e nacional, fundamentais na consolidação de redes de solidariedade e sociabilidade judaica e com forte papel político na sociedade nacional eram em sua maioria simpatizantes das causas sociais. Estes lutavam pela preservação de sua língua original (ídish) e sua cultura progressista, entretanto buscavam integração com o povo brasileiro na luta pela emancipação econômica, política e social.

Nos anos 20, os judeus de esquerda, chamados de “*roitzers*” (vermelhos) haviam criados várias instituições que possuíam orientações políticas semelhantes, dentre as quais destaco aquelas situadas no estado do Rio de Janeiro, a Biblioteca David Frishman, em Niterói, o Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem, a escola Israelita Brasileira Eliezer Steinberg, o Colégio Hebreu Brasileiro, a Cozinha Popular da Praça Onze _ a Árbeter Kich (Cozinha do Trabalhador), o Socorro Vermelho Judaico (BRAZCOR), o Centro Obreiro Brasileiro Morris Wintschevsky e a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas Froien Farain.

Em São Paulo, nos anos 20, imigrantes oriundos do Bund fundaram o clube Tsukunft (futuro) no bairro de Bom Retiro. Este desenvolvia atividades culturais e políticas. Nos anos 30, passa a se chamar Yugend Club (clube da juventude) e funda uma biblioteca, um grupo de teatro chamado Dramkrais (grupo dramático) e o coro Schaeffer. Nos anos 40, a entidade passa a se chamar Centro Cultura e Progresso e constitui parte do ICUF. Em 1953, é inaugurado o prédio Palácio da Cultura, também chamado de “*Casa do Povo*”, isto é o ICIB, fruto de uma homenagem aos seis milhões de judeus vítimas do Holocausto.

Todas estas instituições possuíam periódicos⁴, fundaram suas próprias escolas, clubes e promoviam atividades (leienkrainz/círculos de leitura e dramkrainz/círculos dramáticos/ grupos teatrais) que visavam não apenas a integração às sociedades locais, mas ao aprimoramento cultural do ponto de vista do campo socialista. Neste artigo trataremos da vanguarda pedagógica presente na atuação de suas ativistas na formação do Colégio Scholem na cidade de São Paulo.

atualmente o ídish é também falado pelos membros do movimento ortodoxo Naturei Karta, nascido de judeus húngaros e lituanos que se estabeleceram na cidade velha de Jerusalém no século XIX. Seus partícipes se afirmam como sendo contrários ao sionismo que culminou na criação do estado de Israel, sendo possível a existência do estado somente com a chegada do Messias. Eles não usam o hebraico no cotidiano por considerarem estritamente sagrado, utilizando assim o ídish. Muitos são letrados no velho aramaico dos livros de estudos e orações. Para maiores informações sobre o Naturei Karta e seu recente e polêmico apoio a conferência do Irã que questionou o Holocausto ver matérias de jornais, especialmente do Jornal O Globo do dia 17 de dezembro de 2006.

⁴ Boletim em ídish Der Unhoib (o começo) publicado no estado do Rio de Janeiro, os jornais Unzer Shtime (nossa voz) e O reflexo em São Paulo (escrito todo em português, mas com matérias sobre o ídish e alguns pequenos textos em ídish), o jornal Unzer Frait (nosso companheiro) no Uruguai e Di Presse (a imprensa) na Argentina.



A importância das ativistas na construção de uma proposta escolar

Muitas mulheres se destacaram pela sua intensa participação política. Blay (1989) mostra que a perseguição a militantes e não militantes como Rivka Gutnik e Jenny Gleizer e aos seus familiares, resultou em mortes e deportações. Ser judeu significava ser comunista, no caso de Gleizer que não era militante, mas foi tomada como tal por ser judia. No caso de Rivka é relatado à invasão a Cozinha Operária (Árbeter Kich) que funcionava na Praça Onze, na cidade do Rio de Janeiro. Neste episódio muitos judeus foram presos como comunistas pela polícia política de Getúlio Vargas a partir de denúncia de um delator da própria comunidade. A autora (op.cit: 114) mostra que os jornais da época ao noticiarem as prisões, por vezes acrescentavam o apodo judeu ou indicam algo com Wolf, o romeno, sem colocar o sobrenome ou ainda sem definir a nacionalidade.

Não obstante a importância das mulheres na luta armada e na participação política mais ampla, elas foram fundamentais na construção de uma rede de colaboração a situação dos refugiados de guerra e especialmente na formação de uma rede de ensino, além de colaborarem nas demais atividades de ambas as instituições. Dentre as atividades destas instituições havia a constituição de um grupo preocupado com a situação dos refugiados de guerra, em especial as viúvas e as crianças.

AFIB, Associação Feminina Israelita Brasileira_ antiga *Vita Kempner* (luta da vida) – foi criada em por um grupo de mulheres imigrantes, com uma forte consciência política formada, porém nem todas ligadas ao movimento comunista, atingidas pelo fascismo europeu depois da Primeira Guerra Mundial. Este grupo se reunia com o objetivo de colaborar com o empreendimento da Cruz Vermelha de socorrer as vítimas da Guerra. Buscando dar continuidade ao trabalho de solidariedade aos órfãos e mutilados do pós guerra, se organizaram em comissões por alguns bairros no Rio, regiões e Estados do Brasil mantendo também contato com outros países. A sua primeira finalidade foi ajudar os “orfãos de guerra” (associação perdurou até 1952) depois foi a criação da colônia Kinderland (1950). Conforme depoimento das primeiras ativistas: *“Assim, nós reunimos mulheres que queriam participar nessa ajuda aos órfãos. Ligamo-nos a organizações européias que faziam esse trabalho. Uma delas foi a Union de Paris. Quem nos ajudou muito foi o YKUF (Idicher Kultur Farband).. Através do YKUF, nós juntávamos roupas e dinheiro”*.

Neste grupo desenvolviam várias atividades culturais como Círculo de Leitura (o Lein Kraizn) encontros nacionais, debates sobre a ordem social vigente e a cultura. Era este grupo de mulheres que participavam das atividades da BIBSA e angariavam contribuições financeiras para o jornal *Unzer Stime* (Nossa Voz).



Os círculos eram organizados por temas políticos e havia um debate ávido sobre o mundo pós-guerra inspirado em artigos da imprensa nacional e internacional e da literatura ídich. Entretanto, nas épocas de maior perseguição política as leituras passaram para temas “*mais literários*”. Paralelamente as atividades da AFIB existia também o “clubinho I Peretz”. Neste, os adolescentes a partir de 13 anos participavam de atividades culturais (teatros, cinemas, palestras) seguidas de amplo debate.

Em 1950, a primeira colônia de férias foi num hotel em Lindóia, Minas Gerais (MG) da qual participaram 65 crianças. Esta inicialmente visava ser assistencialista com crianças vítimas da guerra, ideal este trazido por Lea Goldenstein quando esteve em Paris. Em 1952, num Congresso Nacional, resolveu-se fundar uma Colônia de Férias com o nome de Kinderland.

A Colônia sempre foi composta de coordenadores, monitores e colonistas que, na tentativa de preparar melhor a equipe de monitores, organizaram um curso de formação, procurando transmitir conhecimentos sobre a criança, as atividades que seriam desenvolvidas e o espírito de coletividade, isto é, formar uma idéia de grupo, de convivência grupal como um shtetl (*aldeia*).

Uma escola em construção. Por uma idéia de coletividade.

A luta entre setores ídichistas e socialistas nas instituições judaicas cariocas também encontrava resistência por parte das correntes hebraístas/sionistas. Lembramos que à formação de uma rede escolar judaica provocou um confronto entre sionistas/hebraístas e anti-sionistas/ídichistas, o que torna evidente que diferenças políticas eram expressas através de diferenças linguísticas e culturais. Estas se refletiam nos distintos sistemas de ensino e nas diferentes instituições formadas por cada segmento da comunidade.

Segundo depoimento de Max Altman, a comunidade judaica de São Paulo foi se aproximando cada vez mais do sionismo e as posições políticas críticas tornaram a Casa do Povo uma voz isolada na política comunitária, o que mostra que o colégio era mantido pelas contribuições de seus ativistas, não tendo apoio material por parte das demais instituições.

Elisa Abramovich foi líder comunista, em 1947, elegeu-se vereadora pelo Partido Socialista Trabalhista em São Paulo. Entretanto não chegou a tomar posse. Em 1948, antes da cassação, a bancada comunista era a maior bancada da câmara de vereadores. Os comunistas considerados ilegais buscaram outras legendas.

Elisa ingressou na Ofidas (Organização Feminina Israelita de Assistência Social), entidade que cuidava dos judeus sobreviventes do Holocausto. Receberam judeus egípcios vindos do



governo Nasser, judeus de vários países árabes, Argélia, Marrocos, judeus russos. Morreu em 1963 aos 42 anos de idade, deixando um legado vital na constituição da escola Scholem Aleichem que dirigiu entre os anos de 1958 a 1962. Sua forte presença no colégio conferiu ao mesmo as características que marcaram a sua história. Autodidata, sua experiência na militância comunista incitou à necessidade de unir teoria à prática, rompendo com o sistema de educação formal.

O Colégio foi fundado na cidade do Rio de Janeiro em 1928, por um grupo de ativistas da Biblioteca Scholem Aleichem (BIBSA) que visavam um educandário que transmitisse além das matérias obrigatórias do currículo oficial brasileiro a perpetuação dos seguintes valores da cultura judaica: o idioma ídich, a história do povo judeu numa perspectiva histórica e não religiosa, o laicismo, o humanismo e o progressismo _ em uma perspectiva de construir cidadãos capazes de perceber o judaísmo enquanto identidade cultural e de se sentirem ao mesmo tempo agentes integrantes da cultura local a fim de participarem das lutas, das conquistas sociopolíticas das sociedades em que estavam inseridos.

O mesmo ideário estava presente no CSA de São Paulo, criado em 1949, isto é, buscar a disseminação dos *“ideais antifascistas e progressistas no cenário social brasileiro, por meio de uma educação pluralista e inovadora”*, perfil que manteve até encerrar suas atividades em 1981.

Podemos considerar que os principais ativistas e seus sucessores viam no colégio um veículo importante de transmissão entre as gerações dos valores imensuráveis da *“cultura ídichista”*, bem como visavam a *“libertação, a conscientização do indivíduo para as causas reais e sociais da injustiça”*. Neste sentido, buscavam um caminho paradoxal entre assimilação à sociedade brasileira, sem entretanto *“abrir mão”* da preservação de uma cultura progressista originária da Europa Oriental.

História era uma das disciplinas mais importantes do currículo e a que melhor se relacionava às demais. Muitos exemplos e histórias eram comparados à realidade brasileira. O depoimento de Fanny Abramovic, ex-diretora do colégio Scholem de São Paulo, mostrava que a idéia de libertação presente na história do Pessach era associado à Abolição da Escravatura no Brasil e a Inconfidência Mineira e especialmente ao papel libertador de Tiradentes no Brasil. Em ambas se associava a concepção de liberdade como parte de um processo de justiça social. O Purim _a libertação dos judeus da tirania de Haman (o grão vizir persa) pelas artes da rainha Ester_ligava-se ao carnaval e a Chanuká_a revolta dos macabeus contra o império Macedônico, de Alexandre, O grande_ligava-se às festas de fim de ano_Natal e Ano Novo (Charnis:2008;39).



No currículo escolar, a ênfase era dada à história do povo judeu, à literatura ídich e ao domínio do idioma. A celebração das festas judaicas ressaltava o caráter combativo e os valores de liberdade associados a uma leitura histórica da tradição que em nenhum momento se “*descolava da realidade brasileira*”.

O colégio era judaico. Entretanto por ter um alto nível educacional era composto também por alunos de diferentes origens, muitos não apenas moradores da região, mas de diferentes áreas da cidade. No caso de São Paulo possuía também judeus alemães, descendentes de italianos moradores do bairro de Bom Retiro e brasileiros. Muitos procuraram o colégio por estar situado entre os melhores da época que concorria com as escolas consideradas de vanguarda e também pelas afinidades com o ideário do partido comunista. Muitos filhos de ativistas do partido foram acolhidos no colégio por questões de segurança.

Luederman (Charnis et alli: 2008) mostra que o método de Anton Makarenko, pedagogo ucraniano que viveu entre os anos de 1888 e 1939 e presenciou a derrubada do império czarista e da dominação da Ucrânia e a Revolução Russa, era um dos fundamentos pedagógicos do colégio. Neste sentido, a leitura e o registro dos seus leitores se tornam um meio de recuperar a interpretação histórica e de que modo estes se apropriaram e recriaram um modo pedagógico de pensar numa escola considerada vanguarda.

Segundo a autora (op.cit) tanto Elisa quanto sua filha e também educadora Fanny Abramovic foram imbuídas da leitura de Makarenko e se inspiraram respectivamente pela ideia de processo e de jogo como iniciais para o desenvolvimento de seu trabalho na escola. A autora ao tratar a idéia de processo mostra que a organização do coletivo de educadores e de educandos é baseada nos conflitos do cotidiano, a educação é inclusiva (todos os grupos étnicos, sem dogmatismo religioso e sem intolerâncias), necessidade do debate pedagógico ao invés do dogmatismo teórico.

O conceito de jogo é visto como a educação pode ser pensada no seu aspecto lúdico e de extrema importância para o desenvolvimento de cada criança e para a vida da coletividade. A idéia de processo e liberdade de criação são conceitos chaves para a compreensão não somente da leitura de Elisa e Fanny Abramovic sobre Makarenko, mas se desdobra em várias percepções e atitudes de vários profissionais que atuaram no colégio.

Em vários depoimentos vemos que a “*escola não invocava teorias pra ensinar. Não se pendurava nelas. As coisas iam sendo feitas na hora. Não era na improvisação. Era um sistema que*



exigia o conhecimento flexível da área específica, que esperava um determinado tipo de envolvimento político_estávamos no começo de um período”.

A concepção de processo está presente como num das falas: “*Foi ali que aprendi na prática o que haviam tentado me transmitir nas aulas de didática, de maneira antididática*”. Se Makarenko, em O poema pedagógico, não traz fórmulas e sim narrativas de processos, as experiências vividas no Scholem reinvidicam para si esta potência.

Além de Makarenko tinham também a literatura ídiche como grande referência. Juntamente com Scholem Rabinovitch, temos I.L Peretz e Mendele Mocher Sforim (1836-1917) os três clássicos da literatura ídiche e que são lembrados e acionados como símbolos étnicos deste segmento da comunidade judaica. Sua literatura, suas trajetórias de vida, suas histórias são lembradas como parte deste patrimônio lingüístico e político⁵. Seus personagens são provincianos, quixotescos, cômicos e que reagem de modo “*por vezes infantil*”, porém impetuoso, as mudanças de várias ordens que adentram as suas vidas.

Scholem Rabinovitch, considerado o “*Mark Twain judeu*”, o cronista dos shtetls, que elevou a língua à condição de um idioma “*universal*”, retratou a tragédia de seu tempo, especialmente a vida judaica da passagem do século XIX e início do século XX, a realidade da Rússia czarista e do anti-semitismo, dos pogroms e das transformações sociais e políticas vividas pelos judeus de todas as cidades do Leste Europeu que chama metaforicamente de Kasrilevke.

Um dos personagens mais célebres é Tevie Der Milchiker, morador de uma aldeia, judeu simples, porém de uma “*natureza filosófica*”. Isto é, o autor mostra um povo com uma visão humorística do mundo, que ri de si mesmo. Não obstante ser um judeu tradicional, o personagem não está ausente das mudanças do mundo e busca compreender a influência das idéias socialistas nas novas gerações de modo que aceita o casamento de sua filha com um jovem que é preso e exilado na Sibéria. Quando é expulso da sua aldeia pelo regime czarista, o personagem assiste à barbárie com olhar irônico e com desprezo pela insignificância humana de seus opositores. De que modo toda esta cultura é vivida por aquelas que contribuíram para a formação das futuras gerações?

Nos depoimentos de professores como Tatiana Belinsky e Iilina Ortega, respectivamente professoras de teatro e música temos o perfil da escola. A primeira, reconhecida autora de livros infantis era contadora de história e freqüentadora as atividades do Scholem. A segunda era professora de iniciação musical.

⁵ Em 1978, Isaac Singer considerado prêmio Nobel de literatura, escrevia inicialmente em ídiche antes de ser publicado em inglês.



A música era complementar as demais disciplinas. Nas aulas a música era a figura principal. E “*se ensinava música fazendo música*” e neste caminho as crianças vivenciavam aquilo que Dra Ilina queria que os alunos aprendessem. “*Aprender música era aprender a ser um bom ouvinte e a se deliciar com a música, educando os sentidos para a diferença entre barulho e som*”.

Para muitos a escola era uma extensão da casa, era um patrimônio que lhes era familiar. Muitas famílias chegaram a São Paulo nos anos 20 sem dinheiro, mas cheios de idéias e livros. Belinsky lembra que era apaixonada por Scholem Aleichem desde seus 4 anos de idade e que chegara ao Brasil falando russo, ídiche e alemão. Em suas casas a mesa do jantar era uma “*mesa redonda*”, onde não haviam temas proibidos. Se discutia de política a literatura. Belinsky lembra que seus pais discutiam e divergiam o tempo todo e que isso criou sua “*panorâmica sobre o mundo*”, ela pensava como os dois sendo tão diferentes ambos possuem razão. Ainda criança seu pai escreveu uma carta a biblioteca que sua filha freqüentava autorizando a sua filha a escolher o livro que quisesse ler, sem restrições.

Muitas vezes viver nestas atividades e instituições não estão dissociadas da própria vivência dos fatos históricos e muitos relatos memorialistas acentuam esta dimensão de partícipes de uma história simultaneamente nacional e internacional. Marcando uma contraditória vocação para a diáspora, isto é ao mesmo tempo que revivem todo um modo de ser da cultura judaica oriental, diaspórica se vêem como judeus brasileiros, assimilados a uma sociedade da qual contribuíram com seu ethos do trabalho e com a formação de uma intelectualidade cultural e política.

Lembro que Glazer e Moynihan (1975) ressaltam o uso de aspectos étnicos como fundamentais para obtenção ou defesa de objetivos políticos comuns. Ambos os autores mostram que etnicidade não é apenas um instrumento para se lutar pelos interesses, mas sua efetividade está no fato de que além de ser um instrumento eficaz para isso, ela também combina/mobiliza laços afetivos.

Neste sentido, tratar da importância de instituições que ressaltavam uma escrita e cultura idish enfatiza o forte caráter político que esta possuía em seu contexto original e o modo em que este é apropriado pelos imigrantes e seus descendentes no contexto brasileiro. Cultura e política são palavras pensadas e vividas como indissociáveis por estes ativistas, tanto em suas entrevistas quanto nos seus escritos sobre a história que refazem de seu próprio grupo.

Fontes

Entrevistas concedidas pelos ativistas da ASA e do ICIB



Boletim da ASA ano 1990/2006.

Bibliografia

- AQUINO, Rubim S.L et alli. **PCB 80 anos de luta**. Rio de Janeiro, Fundação Dinarco Reis, 2002.
- BLAY, Eva. Inquisição, inquisições: aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30 In **Tempo Social. Revista de Sociologia**. São Paulo, USP, 1(1):105-130,1989.
- CARONE, Edgar. **O PCB**. (Vol 1: 1922- 1943; vol 2 : 1943-1964). São Paulo, Difel, 1982. 3 vol.
- CHILCOTE. R. **O partido comunista brasileiro**. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- CLEMESHA, Arlene. **Marxismo e judaísmo**. História de uma relação difícil. São Paulo, Boitempo editorial, 1998.
- FINZI, Roberto. Uma anomalia nacional: a questão judaica In HOBBSBAWM, Eric. (org.) **História do Marxismo**. Trad. Carlos Nelson Coutinho et alii. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.
- HAMADANI, K Kolber, Gisele; PERELMUTTER, Daisy; SCHUBSKY,Cássio e STAROBINAS, Lílian. Scholem Aleichem: uma vanguarda pedagógica. In **Revista 18**. São Paulo, 2006.
- GUINSBURG,Jacob. **Aventuras de uma língua errante**. SP: Ed. Perspectiva, 1996.
- CHARNIS, Cristina Catalina, HAMADANI, Gisele Kolber Kondi, LANDAU, Tânia Fukelman, LEVISKY, Simone, PERELMUTTER, Daisy SCHUBSKY,Cássio, , STAROBINAS, Lilian (Grupo Memória Scholem) . **Vanguarda Pedagógica; o legado do Ginásio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem**. São Paulo, Lettera.doc, 2008.
- GLAZER, Nathan e MOYNIHAN, Daniel P.**Ethnicity Theory and Experience**. Harvard University Press, Cambridge Massachussets, and London England, 1975.
- LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko, Vida e Obra**. Expressão Popular: SãoPaulo, 2002.
- LÖWY, Michael. **Redenção e Utopia: O judaísmo libertário na Europa Central**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.
- SCHORSKE,Carl E. **Viena fin de siècle**. Política e cultura. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SENDACZ, José. **Um homem do mundo**. São Paulo; Ed do Autor, 2005.